

ANÁLISE DA ATIVIDADE EXTRATIVISTA DO PEQUI (*Caryocar coriaceum Wittm*) EM COMUNIDADES DA CHAPADA DO ARARIPE NA REGIÃO DO CARIRI CEARENSE

FRANCINILDA DE ARAÚJO PEREIRA, DIANA ARAUJO FERREIRA,
JOSÉ LUCAS FERREIRA DO NASCIMENTO, PRISCILA IZIDRO DE FIGUEIREDO

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE), campus de Crato
<francinilda@ifce.edu.br>, <dianajones@hotmail.com>,
<j.lucas.fdn@gmail.com>, <priscila.izidro@hotmail.com>

Resumo. Este estudo teve como principal objetivo analisar o extrativismo do pequi (*Caryocar coriaceum Wittm*), na Chapada do Araripe, a partir da visualização dos seus aspectos econômicos, sociais e ambientais. Para tanto, foram identificados mecanismos envolvidos na extração desse fruto em comunidades da Região do Cariri cearense, sobretudo aqueles relacionados aos períodos de safra e entressafra, observando como se comportam os catadores de pequi nesses períodos, no tocante a sobrevivência. O trabalho foi desenvolvido em comunidades rurais na Chapada do Araripe, que têm a extração do pequi como uma alternativa para aumentar a renda familiar buscando o levantamento de um cenário capaz de retratar as práticas sustentáveis no cultivo deste fruto, sua forma de coleta e comercialização nas comunidades acompanhadas. Inicialmente, foram feitas revisões bibliográficas relativas ao processo de extração do pequi, assim como visitas as Secretarias de Agricultura dos municípios de Jardim e de Crato e na Associação Cristã de Base (ACB), visando elementos que contribuíssem para a coleta de dados em campo. A coleta das informações foi realizada através de entrevista semiestruturada. Os dados obtidos foram examinados por meio do método da análise de conteúdo. A investigação acompanhou o período de floração e frutificação do pequi nos anos 2012 e 2013. Os resultados apontaram para a necessidade de uma atenção à atividade extrativista do pequi na região já que, segundo os entrevistados, há uma carência de incentivo, principalmente por parte das autoridades políticas, no sentido de garantir a sustentabilidade econômica, ambiental e social.

Palavras-chaves: Agricultura. Catadores. Extrativismo. Pequi. Sustentabilidade.

Abstract. This study aimed to analyze the extraction of pequis (*Caryocar coriaceum Wittm*) in the Araripe, from the view of their economic, social and environmental aspects. To do so, the mechanisms involved have been identified in this fruit extract in communities of Ceará Cariri Region, especially those related to periods of harvest season and, observing how the pequis scavengers behave these periods, with respect to survival. The study was conducted in rural communities in the Araripe, having pequis extraction as an alternative to increase the family income seeking the lifting of a scenario able to portray sustainable practices in the cultivation of this fruit, its way of collecting and trading in researched communities. Initially, literature reviews concerning the extraction process pequis were made, as well as visits to the Agriculture Department of the counties Jardim and Crato and the Christian Association of Base (ACB), there are elements that contribute to the data collection in the field. Data collection was conducted through semi-structured interviews. Data were examined through content analysis method. The investigation followed the period of flowering and fruiting pequis in the years 2012 and 2013. The researched communities, in society and in government, the need for attention to the pequis mining activity in the region, since, according to the interviewees, there is a lack of incentives mainly by political authorities, to ensure the economic, environmental and social sustainability.

Keywords: Agriculture. Scavengers. Extraction. Pequis. Sustainability.

1 INTRODUÇÃO

A região do Cariri é uma das microrregiões brasileiras pertencentes à mesorregião Sul cearense. A população dessa região foi estimada em 2009 pelo IBGE em 528.398 habitantes e possui uma área total de 4.115,828 km².

As condições climáticas do Cariri são das mais favoráveis do Estado do Ceará, tendo em vista a localização privilegiada, em uma das áreas mais úmidas e férteis no sopé da Chapada do Araripe (planalto também situado na divisa de Piauí e Pernambuco). Abriga uma Floresta Nacional (1946) e uma Área de Proteção Ambiental (1997). A vegetação é bastante diversificada, apresentando domínios de cerrado (tipo predominante), caatinga e cerrado.

As cidades localizadas em torno da Chapada do Araripe - CE apresentam considerável potencial natural de recursos hídricos, minerais e climáticos. Esses favorecem tanto a agricultura diversificada com matérias-primas locais e de extensa biodiversidade, que podem oferecer condições para auxiliar na sustentabilidade, quanto à agricultura ambiental, como a de subsistência ao homem, por meio de alternativas viáveis que permitem melhorar a qualidade de vida da população local.

Na parte mais setentrional do Nordeste brasileiro é encontrado o pequizeiro da espécie *Caryocar coriaceum Wittm*, que exerce importante papel socioeconômico na Chapada do Araripe e circunvizinhanças, presente também nos Estados da Bahia e Goiás (Lorenzi, 1992). Nessas regiões, o pequizeiro apresenta-se frondoso e engalhado, podendo alcançar até dez metros de altura. Os frutos possuem cheiro e sabor peculiares, sendo bastante apreciados pela população nas regiões de ocorrência. Constitui-se uma árvore perene, explorada de forma extrativista, típica da região do Cerrado brasileiro, pertencente ao gênero *Caryocar* e família *Caryocaraceae*.

Segundo Oliveira et al. (2009), o pequi é um fruto que tem exercido importante influência socioeconômica na Chapada do Araripe e demais localidades vizinhas.

A importância do pequi se deve ao fato de ser considerada uma espécie de interesse econômico, principalmente devido ao uso culinário de seus frutos, como fonte de vitaminas E e B, e na extração de óleo da amêndoa para fabricação de cosméticos (Almeida; Silva, 1994). Os seus frutos são utilizados na alimentação humana e na indústria caseira, para a extração de óleos, e produção de doces, sorvetes e licores. Por estas características, o pequizeiro tem grande potencial para atingir mercados internacionais. Além disso, é uma árvore protegida por lei (Portaria Nº. 54 de 03.03.87 - IDBF), que impede seu corte e comercialização em todo o território

nacional.

O pequi é considerado uma fruta de valor comercial, contudo pesquisas referentes à sua caracterização física são escassas e quase sempre se têm reportado à espécie *C. brasiliense*. Em relação à espécie presente na Chapada do Araripe, *Caryocar coriaceum Wittm*, poucas são as informações disponíveis na literatura, referentes aos reflexos negativos para a melhoria do sistema atual de exploração e, principalmente, para o surgimento de empreendimentos agroindustriais em bases racionais (Oliveira et al., 2009), assim como ao atendimento aos catadores, que se utilizam da safra do pequi para melhorar a renda familiar, no sentido de desenvolver técnicas para um manejo sustentável.

Estudos são desenvolvidos com base na utilização do pequi em outras perspectivas, para além da utilização na indústria gastronômica. Quanto ao uso clínico, há pesquisas em fase de desenvolvimento, que abordam os efeitos gastroprotetores e cicatrizantes do pequi.

Segundo o Diário do Nordeste Regional (2007), o Cariri produz 2,3 milhões de toneladas de pequi por safra, de janeiro a abril. O maior produtor da região é o município do Crato, com 1.684 toneladas. Em seguida, Santana do Cariri, com 295 toneladas, Jardim, com 135 toneladas, Barbalha, com 99 toneladas e Missão Velha, com 95 toneladas. Essa produção representa uma injeção de recursos na região no valor de R\$ 1,62 milhão.

Segundo Sousa Junior (2012), a Chapada do Araripe, em função de suas características favoráveis geográfica e climatologicamente, sendo mais úmida e chuvosa em relação a outras áreas do Nordeste, se apresenta como região favorável para a produção do pequi.

O pequi é um desses frutos cuja espécie apresenta ocorrência generalizada no Cerrado. Entretanto, a atividade encontra-se ameaçada por limitações, como erosão, domesticação da espécie, pouco conhecimento e complexidade das técnicas de propagação e manejo, inexistência de padrões de qualidade na comercialização, dispersão e desarticulação dos agentes da cadeia extrativista (Oliveira et al., 2009). O pequi apresenta uma gama de utilidades e é potencialmente agregador de valor econômico.

No período de coleta, muitas famílias se deslocam de suas residências para a “serra” para catar pequi e se acomodam em casas construídas às margens da estrada para comercializarem o fruto, mudando a rotina em função da extração. Essa realidade acontece, por exemplo, em alguns casos na comunidade de Cacimbas, localizada no município de Jardim.

Apesar das várias utilidades e da significativa área geográfica onde a espécie é explorada, não existe cultivo comercial sistematizado de pequizeiro e a sua ex-

ploração, ainda, é puramente extrativista, dificultando a agregação de valor ao produto, além da possibilidade de reduzir sua produção decorrente de um manejo inadequado.

Para se promover um desenvolvimento sustentável, capaz de atender principalmente a uma agricultura também sustentável, faz-se necessário conhecer alguns critérios que envolvem a atividade extrativista, especificamente, a do pequi: o estilo de vida dos catadores e as formas de coleta e comercialização.

Assim, considerou-se oportuno desenvolver este trabalho no sentido de conhecer in loco as comunidades de diferentes localidades da região, acompanhando os estágios (desde a floração até a extração do pequi) junto aos catadores. Ao mesmo tempo, foi possível caracterizar a rotina de trabalho nos períodos de entressafra, coleta e pós-coleta do pequi, observando seu ciclo reprodutivo; no sentido de identificar o seu manejo e compreender os processos relacionados à sua extração. A partir de análises, foi traçado um perfil das comunidades investigadas, assim como suas práticas sustentáveis no cultivo da espécie.

O presente estudo teve como segmento acompanhar as seguintes comunidades extrativistas de pequi da região do Cariri cearense: Cacimbas (Área de Floresta Nacional do Araripe), no município de Jardim e Baixa do Maracujá Distrito de Santa Fé, no município de Crato (Área de Proteção Ambiental); ambas as localidades na Chapada do Araripe.

Nessa perspectiva, é conveniente mencionar uma importante questão que muito se ajusta ao teor deste estudo: desenvolvimento sustentável - temática que, atualmente, não se refere apenas a uma área de caracterização de natureza apenas ambiental, mas que deve ser empregado de forma ampla, uma vez que o termo sustentabilidade surge como possibilidade de revisão e inclusão de novos elementos nas diferentes áreas de conhecimento.

Nesse sentido, deve-se atentar aos diversos elementos envolvidos nas diferentes posições sociais das comunidades locais que, geralmente, não são incluídos nas discussões e conflitos gerados. Desse modo, a pesquisa aborda, sobretudo, os aspectos socioeconômicos e ambientais das comunidades envolvidas com o extrativismo do pequi.

2 MATERIAIS E MÉTODOS

Inicialmente, foram realizadas revisões de literatura acerca da temática referente à atividade extrativista do pequi, considerando a sua importância para a região do Cariri cearense, bem como os aspectos socioeconômicos e ambientais.

Na escolha das comunidades para participarem do desenvolvimento da pesquisa, levou-se em consideração o critério de que ambas deveriam exercer a atividade extrativista do pequi. Em vista disso, as comunidades escolhidas foram: Baixa do Maracujá (situada no distrito de Santa Fé, em Crato) e Cacimbas em Jardim.

Devido a esta pesquisa ter cunho descritivo, baseada no levantamento de informações, a entrevista semiestruturada foi um suporte imprescindível, proporcionando clareza na análise e interpretação dos dados obtidos. Esse tipo de entrevista foi definido por se adequar à caracterização da presente pesquisa, considerando as vantagens desse método, descritas, a seguir, por Quaresma (2005).

As técnicas de entrevista semiestruturada possuem como vantagem a sua elasticidade quanto à duração, permitindo uma cobertura mais profunda sobre determinados assuntos. Além disso, a interação entre o entrevistador e o entrevistado favorece as respostas espontâneas e colaboram muito na investigação dos aspectos afetivos e valorativos dos informantes que determinam significados pessoais de suas atitudes e comportamentos.

A entrevista semiestruturada continha vinte questões, formuladas com antecedência, com base na realidade dos catadores de pequi das comunidades referidas, sendo a entrevista sistematizada em duas partes. A primeira fazia referência à caracterização do catador (a) de pequi, com questões iniciais voltadas a dados relativos à sua identificação, tais como nome completo, data de nascimento, comunidade onde vive e estado civil. Na segunda parte, as perguntas eram voltadas para aspectos sócio-econômico-ambiental, relacionadas à prática extrativista do pequi.

Antes de se iniciar o procedimento, os objetivos do trabalho eram expostos aos entrevistados, através de um contato inicial.

Com isso, tendo em vista a flexibilidade da entrevista semiestruturada, foi possível coletar informações adicionais, como as opiniões dos catadores, em relação às suas atividades desenvolvidas nas comunidades. Na ocasião, era permitida a intervenção por parte dos catadores e dos pesquisadores, para ser feito algum tipo de esclarecimento no fornecimento ou obtenção das informações. Notadamente, esse fator não intimidou os indagados em responder às perguntas, tampouco expor as suas realidades, facilitando o contato entre os envolvidos.

Ao todo, foram entrevistados sessenta catadores de pequi (trinta em cada comunidade).

As informações obtidas foram relacionadas ao nível de escolaridade, estrutura e composição familiar, situação econômica, ambiental e social dos catadores de pequi.

Quanto à análise de dados, esta foi realizada com base em uma abordagem quantitativo-qualitativa, já que esta não se prende apenas aos aspectos subjetivos, mas também aos numéricos, conforme afirma (MINAYO, 1993).

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

As perguntas feitas por meio das entrevistas, aplicadas nas comunidades, forneceram subsídio para a análise estatística e a obtenção de resultados.

Conforme os dados abaixo (Figura 1), 44% da extração do pequi são destinados para a produção de óleo, sendo o processo que mais se destaca nas comunidades. De acordo com os catadores, o preço do óleo é superior ao do fruto, por caracterizar uma forma de “armazenagem de lucro”; devido à possibilidade de ser conservado por um longo período, enquanto o fruto é altamente perecível.

De acordo com a pesquisa, a comunidade de Cacimbas, no município de Jardim, é a que mais se destaca na extração desse fruto. Além disso, essa comunidade também é bastante representativa nas demais formas de destino do pequi.

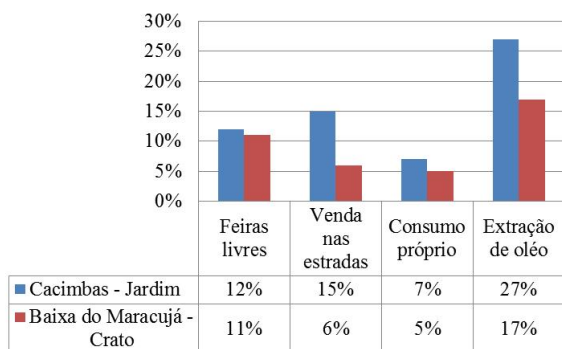


Figura 1: Distribuição percentual do destino da produção de pequi em comunidades, das comunidades Baixa do Maracujá (Crato) e Cacimbas (Jardim). Fonte: Dados da pesquisa, 2013.

De acordo com Oliveira et al. (2009), no período de entressafra o óleo apresenta alto valor comercial, quando se compara ao valor do fruto.

Nota-se que, em relação ao gênero dos catadores, as mulheres participam de forma mais significativa (Figura 2). Deve-se levar em consideração que os homens desenvolvem outros trabalhos distintos, pelo fato de o extrativismo do pequi ser uma atividade sazonal (em

que o período de safra geralmente corresponde ao de janeiro a março, podendo perdurar até abril). Por isso, as catadoras tende a dedicar-se mais integralmente à extração do pequi, como forma de melhorar a renda da família.

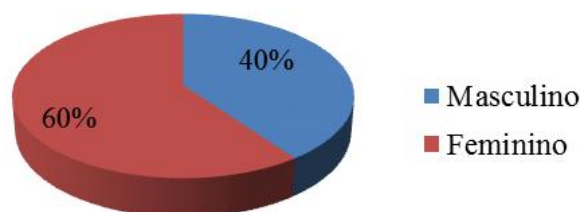


Figura 2: Distribuição percentual por gênero dos catadores de pequi, das comunidades Baixa do Maracujá (Crato) e Cacimbas (Jardim). Fonte: Dados da pesquisa, 2013.

Observa-se que a maioria dos catadores possuem filhos (Figura 3) e estes são propícios na realização da atividade extrativista do pequi, ajudando os pais na coleta e na comercialização. Tal fator possibilita maior lucratividade, levando em consideração o aumento de mão-de-obra, devido à inclusão dos filhos.

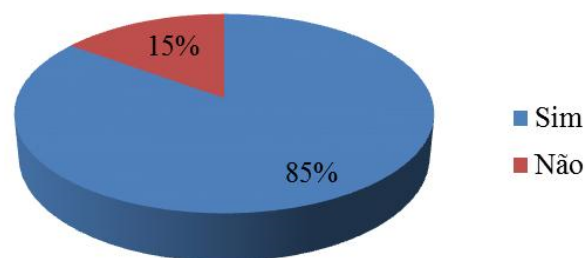


Figura 3: Distribuição percentual dos catadores de pequi que possuem filhos, das comunidades Baixa do Maracujá (Crato) e Cacimbas (Jardim). Fonte: Dados da pesquisa, 2013.

Esses dados comprovam a abordagem de Oliveira et al. (2009). Os autores destacam, em sua pesquisa, que o pequi é uma tarefa que envolve toda a família, desde a catação até a venda destes.

Levando em consideração o número de pessoas que ajudam na coleta do pequi, em cada residência, verifica-se que, na maioria dos casos, a atividade é realizada por pelo menos duas pessoas da família (Figura 4), geralmente pelo esposo e esposa. Dependendo da demanda de produção, a extração precisa ser mais ágil e eficiente, o que implica no envolvimento de mais de uma pessoa.

Verificou-se que relevante quantidade dos entrevistados afirma que, ao longo dos anos, a produção de pe-

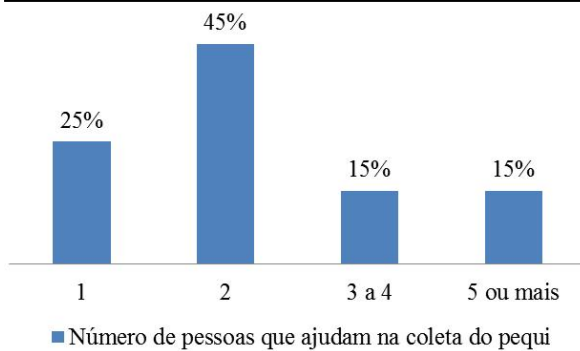


Figura 4: Distribuição percentual da quantidade de pessoas que ajudam na coleta do pequi em cada residência dos catadores das comunidades Baixa do Maracujá (Crato) e Cacimbas (Jardim). Fonte: Dados da pesquisa, 2013.

qui não tem aumentado (Figura 5). Esse fato, segundo os mesmos, se deve às alterações nos índices pluviométricos, que provocam alternâncias de safra do pequi. Algumas pessoas relataram que o fruto tem sido retirado ainda imaturo, fato que também contribui para a redução da produção.

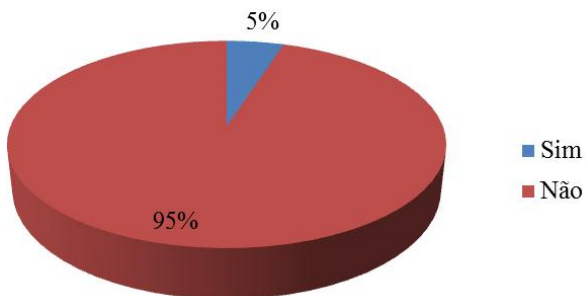


Figura 5: Distribuição percentual da opinião dos catadores de pequi, quanto ao aumento da produção do fruto, ao longo dos anos, nas comunidades Baixa do Maracujá (Crato) e Cacimbas (Jardim). Fonte: Dados da pesquisa, 2013.

Vale ressaltar que os catadores da comunidade de Cacimbas, pertencente ao município de Jardim, se deslocam no período de safra do pequi para as margens da CE 060, para o Rancho do Pequi, onde se instalam em casas de taipa e fixam residência no período de safra. No entanto, tal fenômeno não ocorreu no ano de 2013, haja vista a safra ter sido pequena neste ano, o que demonstra a alternância da produção. A comunidade Baixa do Maracujá, do município de Crato, não se desloca no período da safra, permanecendo em suas próprias residências. Consta-se que, em relação à moradia, 90% dos catadores têm residência própria (Figura

6). Assim, pode-se estabelecer uma relação positiva entre a contribuição do desempenho da atividade extrativista do pequi com as melhores condições de vida para os catadores e suas famílias.

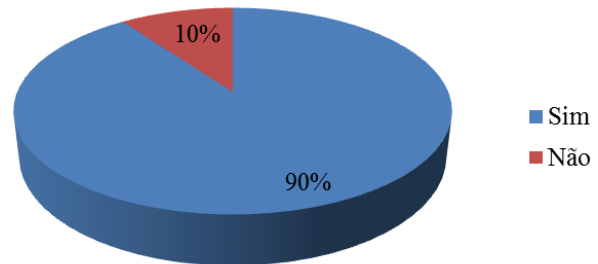


Figura 6: Distribuição percentual dos catadores de pequi, das comunidades Baixa do Maracujá (Crato) e Cacimbas (Jardim), que possuem residência própria. Fonte: Dados da pesquisa, 2013.

Identificou-se que grande parte dos entrevistados relatou que o extrativismo do pequi foi uma atividade herdada de seus pais, que também eram catadores (Figura 7). Uma explicação para esse fato se dá pela participação dos filhos na atividade extrativista, desde cedo, além da viabilidade de se completar a renda com a comercialização do fruto e seus derivados.

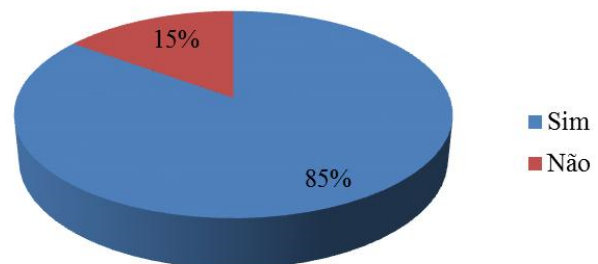


Figura 7: Distribuição percentual de catadores das comunidades Baixa do Maracujá (Crato) e Cacimbas (Jardim), cujos pais também eram catadores. Fonte: Dados da pesquisa, 2013.

Quanto ao nível de escolaridade dos catadores, verificou-se que nenhum deles conseguiu concluir o ensino fundamental ou médio. Mesmo assim, identificou-se que, exceto os que nunca estudaram, todos os entrevistados são, pelo menos, alfabetizados (Figura 8).

Quanto à renda familiar, consta-se que a maioria das famílias é de baixa renda (Figura 9), o que demonstra a importância do extrativismo do pequi como complemento à renda familiar.

Em seu trabalho, Oliveira et al. (2008) observa que o extrativismo do pequi e o processamento de produtos

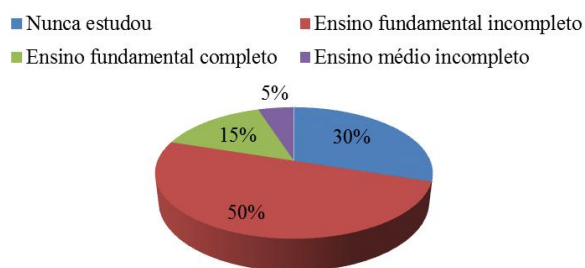


Figura 8: Distribuição percentual da quantidade de pessoas que ajudam na coleta do pequi em cada residência dos catadores das comunidades Baixa do Maracujá (Crato) e Cacimbas (Jardim). Fonte: Dados da pesquisa, 2013.

derivados são importantes na geração de renda, especialmente para as famílias carentes.

Uma informação bastante relevante é a contribuição da atividade extrativista do pequi para a melhoria de renda das famílias, seja na comercialização direta do pequi (em feiras livres ou na estrada), seja na produção e comercialização do óleo. Porém, pequena parte dos catadores tem a extração do pequi como única fonte de renda (Figura 10), sendo que alguns conseguem uma renda maior, por desenvolverem outras atividades, como agricultura e pequenas criações de animais.

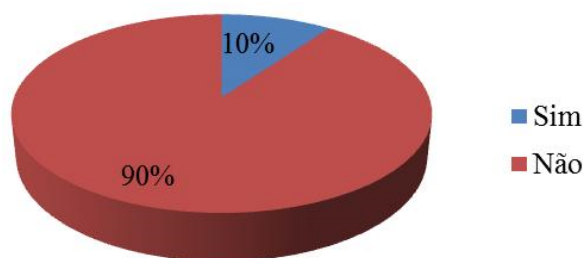


Figura 10: Distribuição percentual da catação de pequi como única fonte de renda, nas comunidades Baixa do Maracujá (Crato) e Cacimbas (Jardim). Fonte: Dados da pesquisa, 2013.

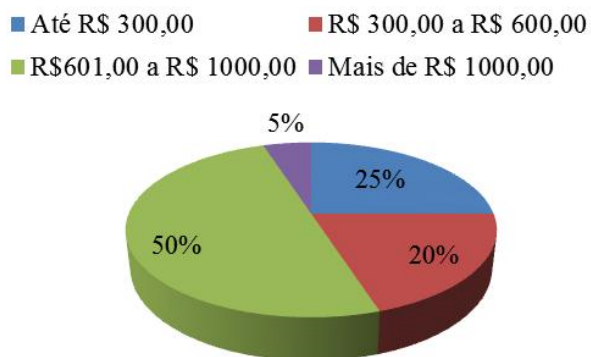


Figura 9: Distribuição percentual da renda familiar dos catadores de pequi das comunidades Baixa do Maracujá (Crato) e Cacimbas (Jardim). Fonte: Dados da pesquisa, 2013.

Em relação à participação em eventos relacionados à catação de pequi, principalmente referente ao manejo adequado, um número considerável de catadores afirmou comparecer (Figura 11). Esse dado representa a perspectiva dos catadores em aperfeiçoar suas habilidades de forma sustentável.

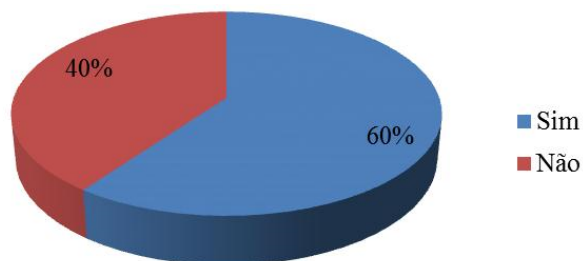


Figura 11: Distribuição percentual dos catadores das comunidades Baixa do Maracujá (Crato) e Cacimbas (Jardim) que participam de eventos relacionados com a catação de pequi. Fonte: Dados da pesquisa, 2013.

Em relação à capacitação para a produção de derivados do pequi, uma porcentagem considerável dos entrevistados diz não participar desse tipo de aprimoramento (Figura 12), sendo o conhecimento adquirido

apenas conforme os ensinamentos passados de pais para filho. Esse dado aponta que os catadores precisam de mais incentivo para produção e qualificação de produtos derivados do fruto.

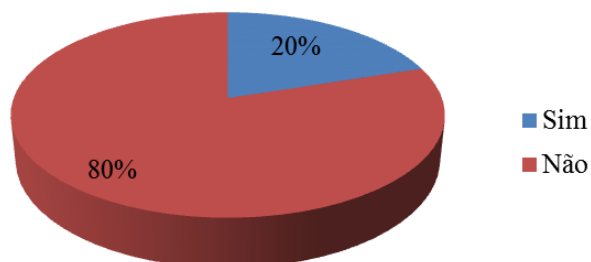


Figura 12: Distribuição percentual dos catadores que participam de capacitação para a produção de derivados do pequi, nas comunidades Baixa do Maracujá (Crato) e Cacimbas (Jardim). Fonte: Dados da pesquisa, 2013.

Um grande número de catadores não produz mudas de pequi (Figura 13). O fato acontece por esse fruto ser de difícil germinação, o que compromete a produção de mudas, segundo os entrevistados.

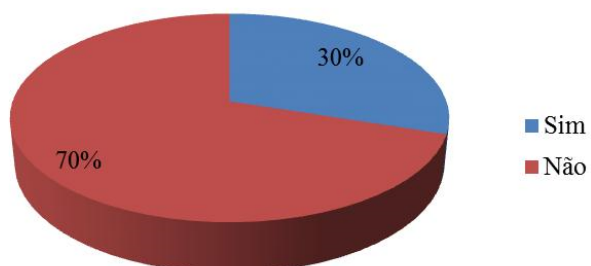


Figura 13: Distribuição percentual dos catadores que produzem mudas de pequi, nas comunidades Baixa do Maracujá (Crato) e Cacimbas (Jardim). Fonte: Dados da pesquisa, 2013.

4 CONCLUSÕES

A pesquisa permitiu identificar que maior parte da extração do pequi, nas comunidades acompanhadas, é destinada para a produção de óleo, por ser considerada uma forma de armazenagem de lucro.

Constatou-se que as mulheres participam de forma mais significativa na coleta do pequi, uma vez que os homens exercem outras atividades agrícolas para completar a renda.

O extrativismo do pequi, especificamente via comercialização do fruto e produtos derivados, é uma atividade que contribui para a geração de renda dos catadores e suas famílias, embora essa fonte de renda seja

considerada complementar a outras atividades exercidas no campo. O catador apresenta uma baixa renda, tendo baixo nível de escolaridade e vê na extração do pequi uma fonte de renda, às vezes, a única fonte.

A produção de pequi no Cariri cearense tem alternado ao longo dos anos, sendo o índice pluviométrico considerado o principal responsável por esse fenômeno.

A extração do pequi é, em quase sua totalidade, uma herança que passa de pai para filho, tendo em vista o fato de essa atividade ter sido desenvolvida por os pais da maioria dos catadores entrevistados.

O pequeno catador da região recebe pouco apoio por parte dos órgãos governamentais. Portanto, acredita-se que, se existisse mais incentivo no sentido de promover ações que facilitassem a extração do pequi, a produção de seus derivados, como óleo (que apresenta um grande valor medicinal) e informações técnicas sobre produção de mudas da planta, a situação econômica dos catadores melhoraria consideravelmente.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, S. P.; PROENÇA, C. E. B.; SANO, S. M.; RIBEIRO, J. F. *Cerrado: espécies vegetais úteis*. Planaltina: Embrapa-CPAC, 1998. 464 p.

ALMEIDA, S. P.; SILVA, J. A. *Piqui e buriti: importância alimentar para a população dos Cerrados*. Planaltina: Embrapa-CPAC, 1994. 38p.

Diário do Nordeste Regional. *Crato lidera na safra do Pequi*. Disponível em: <<http://diariodonordeste.verdesmares.com.br>>. 2007. Disponível em: <<http://diariodonordeste.verdesmares.com.br/cadernos/regional/crato-lidera-na-safra-do-pequi-1.448370>>. Acesso em: 10 dez. 2012.

LORENZI, H. *Árvores brasileiras: manual de identificação e cultivo de plantas arbóreas nativas do Brasil*. Nova Odessa: Plantarum, 1992. 352 p.

MINAYO, M. C. *O Desafio do Conhecimento: pesquisa em saúde*. 2. ed. Rio de Janeiro: Rhucitec-ABRASEL Editora, 1993.

OLIVEIRA, M. E. B.; GUERRA, N. B.; BARROS, L. M.; ALVES, R. E. *Aspectos agrônômicos e de qualidade do pequi*. Fortaleza: Embrapa Agroindústria Tropical, 2008. Documentos n.113. 32 p.

OLIVEIRA, M. E. B. de et al. Caracterização física de frutos do pequi nativos da chapada do Araripe-CE. *Revista Brasileira de Fruticultura*, sciELO, v. 31, p. 1196 – 1201, 12 2009. ISSN 0100-2945. Disponível

em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-29452009000400038&nrm=iso>.

QUARESMA, V. B. e S. Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em ciências sociais. *Em Tese*, v. 2, n. 1, 2005. ISSN 1806-5023. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/emtese/article/view/18027>>.

Sousa Junior, J. R. *Conhecimento e manejo tradicional de Caryocar coriaceum Wittm (Pequi) na Chapada do Araripe, Nordeste do Brasil*. Dissertação (Mestrado em Botânica) — Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife, 2012. 95 f.